

UNICAMP

| | |
|----------|------------------------|
| EVENTO: | Cunningham |
| | Apresentação em Lisboa |
| VEÍCULO: | O Estado de São Paulo |
| DATA: | 03 de junho de 1994 |
| PÁGINA: | 1ª |
| SEÇÃO: | Caderno 2 |



Cunningham dança sua rebeldia em Lisboa

O coreógrafo norte-americano, que vem a São Paulo, estreou nova coreografia em Portugal

CRISTINA R. DURÁN
Especial para o Estado

LISBOA — Merce Cunningham chegou à entrevista, antontem à tarde, mancando. À noite, porém, o mestre da dança contemporânea já estava inteiro para a festa de estréia de suas apresentações no palco da Fundação Gulbenkian, na capital portuguesa. Até o final desta semana, ele mostra (a convite da Lisboa-94, Capital Européia da Cultura) dois programas. No primeiro, *CRWDSPCR*, com música de John King e cujo nome foi inspirado no programa de computadores LifeForm ("Os títulos vêm de sua forma original Crowdspace, da qual utilizei duas variantes, Crowd Spacer/Crowds Pacer", explica ele.) e *Enter*, musicada por David Tudor, quase um terço das frases de movimento se baseia em uma série de números, de 1 a 15, e foi programada pelo uso do cálculo de probabilidades — em computador, claro. *Breakers*, *Doubletoss* e *Trackers* formam a segunda parte do programa lisboeta.

Aos 75 anos, este homem que revolucionou a dança em 1953, quando rompeu com Martha Graham para seguir um caminho completamente diferente, tem problemas motores — resultado de uma artrite generalizada — mas muda completamente quando dança. Macrobótico, nem pensa em ajustar fusos horários, por exemplo. Mal chegou a Lisboa, vindo de Nova York, foi direto para a barra e ensaiou até a madrugada. "A dança é minha vida", diz. Sempre acreditando que o balé não se baseia na música, mas sim no corpo humano, continua buscando, incansavelmente, novos movimentos — e não pretende parar tão cedo.

Introduzindo a descoberta e a invenção na arte da dança, ele agitou os alicerces mais convencionais

'Ocean' pode vir ao Festival de Música Nova

Se os organizadores do 30º Festival de Música Nova encontrarem local apropriado para a mais nova peça de Merce Cunningham, *Ocean*, em agosto ele e sua companhia de dança estarão em São Paulo. O próprio bailarino e coreógrafo norte-americano reconhece, porém, que não é tarefa fácil. O formato da peça requer um local muito especial: os bailarinos ficam no centro de um palco redondo, cercados pela platéia que, por sua vez, é rodeada pela música.

"Todo o espetáculo é especial, desde a forma como ele é construído", explica Cunningham. "Por isso, é necessário um espaço que ainda não foi encontrado em São Paulo. Mas espero, de verdade, que consigamos ir para lá." *Ocean* fez sua estréia mundial no fim de semana passado no Cirque Royal de Bruxelas, a capital da Bélgica.

Ocean tem 90 minutos de duração, sem quaisquer intervalos. Sua partitura eletrônica foi musicada por David Tudor e a or-

nais e foi considerado o primeiro rebelde da modern dance americana. Quatro décadas depois, seu nome continua acompanhado pelo adjetivo "revolucionário", mas ligado por um hífen ao "conservador". Ele está completamente de acordo, desde que não separem uma palavra da outra.

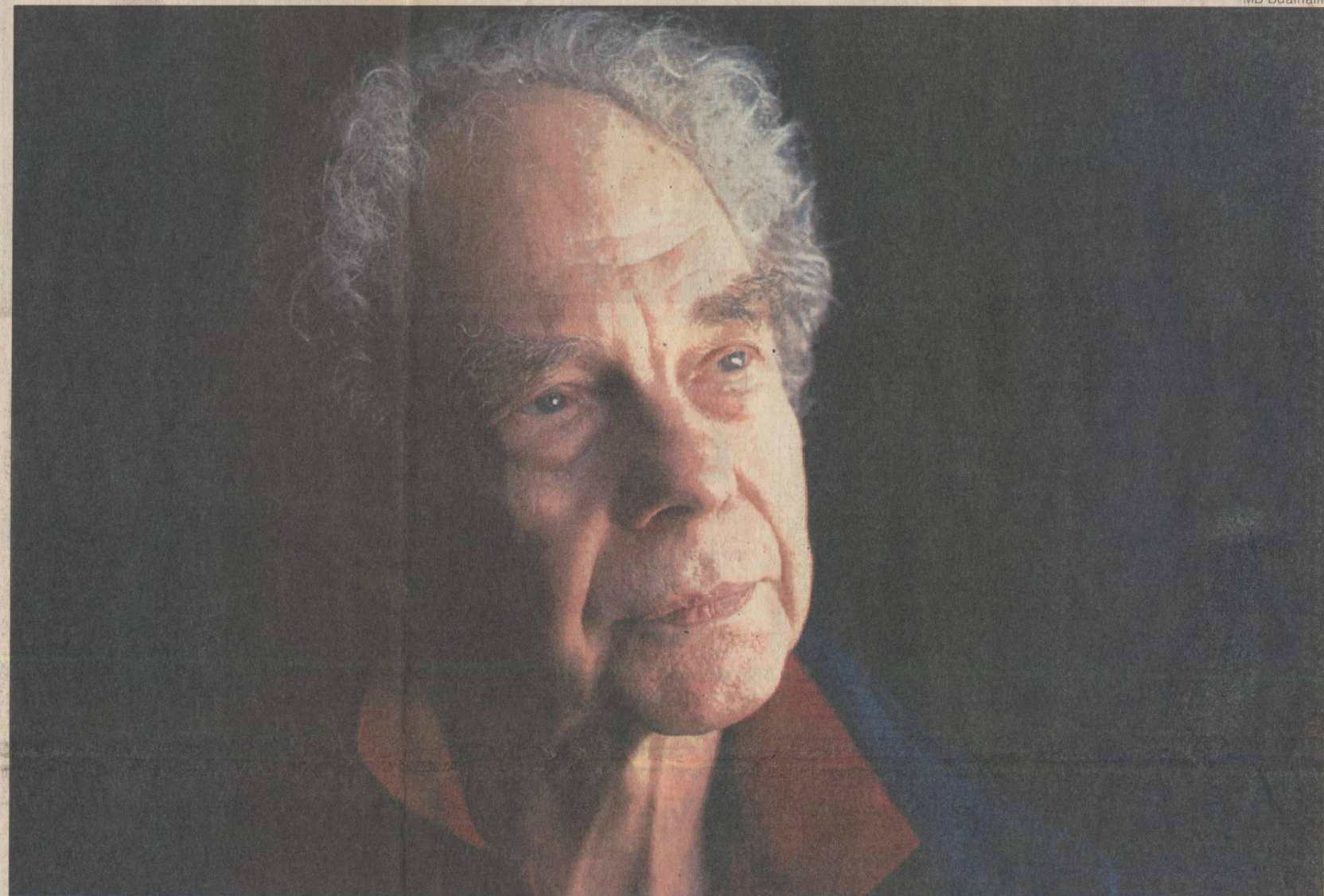
O Cunningham das duas últimas décadas se deu conta que a tecnologia está a serviço do homem e, em 1991, com a peça *Trackers* — musicada pelo brasileiro Emanuel Dimas de Melo Pimenta (leia texto nesta página) — voltou a revolucionar o mundo da dança. "A informática está mudando a nossa linguagem, condensando as palavras", descobriu ele. Para isso, em conjunto com os departamentos de Dança e de Ciência da Simon Fraser University, no Canadá, foi criado o computador LifeForms, um sistema de animação humana tridimensional concebido para a aplicação à dança.

Só este ano, ele e a Merce Cunningham Dance Company fizeram uma turnê por quatro cidades do Japão e completaram sua 15ª temporada anual em Nova York. Em maio, a companhia atuou em Berkeley (EUA) e na semana passada estreou *Ocean* no Cirque Royale de Bruxelas — a mesma coreografia que apresentará em São Paulo, durante o 30º Festival de Música Nova (leia texto abaixo). Com um programa que resgata trabalhos anteriores, começou junho por Portugal e deu a seguinte entrevista ao *Caderno 2*.

AOS 75 ANOS, ELE DIZ QUE NÃO PÁRA TÃO CEDO

★
Caderno 2 — O que pensa sobre o rótulo que carrega hoje: conservador-revolucionário?

Merce Cunningham — Sempre estou interessado em fazer algo que nunca tenha sido feito antes. Ao mesmo tempo, acho que é preciso saber o que se há de fazer. E você procura isso em algo feito, o que é um sentimento conservador, na medida em que se conserva algo. Se encontrar alguma coisa no movimento de uma dança que possa ser explorado, eu exploro até encontrar a melhor maneira para pas-



O coreógrafo Merce Cunningham: "Sempre estou interessado em fazer algo que nunca tenha sido feito antes. A dança é minha vida"

sar aos bailarinos da companhia. Por isso acho que os dois adjetivos, juntos, me servem. Nunca um ou outro.

★
Caderno 2 — Sua dança influenciou o balé moderno. Que leitura faz da dança hoje?

Cunningham — Penso que em qualquer país o que é interessante é a diversidade, as formas mais variadas de movimento com que as pessoas possam se expressar. Por exemplo, chegando a novas danças com música que para muita gente pode não parecer apropriada.

★
Caderno 2 — Quais os caminhos para uma nova ruptura na forma como se faz balé hoje?

Cunningham — Não faço a menor idéia. É o que torna isso mais interessante ainda: desco-

brir o que não se sabe. Nunca se sabe o que há para fazer, mas sempre há algo novo para se encontrar.

★
Caderno 2 — O senhor já trabalhou com o brasileiro Emanuel Dimas de Melo Pimenta. Como o descobriu?

Cunningham — Usei a música dele para uma peça chamada *Trackers*. Tudo começou há alguns anos quando John Cage ouviu uma música de Emanuel em São Paulo e ficou muito interessado. Quando voltou a Nova York, eu estava começando uma nova peça e ele sugeriu que usasse a música dele. Ouvi, gostei muito e fiquei interessado. Começou assim e tenho certeza de que ainda vamos colaborar muito um com o outro.

Brasileiro fará trilha do novo espetáculo

Ao mesmo tempo em que Merce Cunningham começou a apoiar seu trabalho coreográfico, um brasileiro louco por essas máquinas (com as quais faz pesquisa musical desde 1975) conheceu John Cage, parceiro de Merce. Emanuel Dimas de Melo Pimenta estava, como Cage, se apresentando na Bienal de São Paulo com uma peça para grande orquestra. Emanuel acabou musicando *Trackers*, a primeira peça em que Cunningham usou o LifeForms, um sistema de animação humana tridimensional.

O dublê de arquiteto e músico tem formação em conjuntos de câmara e programas de orquestra. Em 1975, decidiu desviar seu caminho, começando um trabalho de pesquisa eletrônica. A falta de apoio da família e as dificuldades enfrentadas em um Brasil onde não havia por onde se desenvolver, profissionalmente, na vanguarda (sem falar na ditadura, que dificultava o contato com as novidades no Exterior) fizeram com que ele arrumasse as malas e partisse. Logo, Emanuel se juntou a grupos internacionais que trabalham com música computadorizada e começou a aparecer na França, no Japão e outros países.

"Eu já pesquisava realidade virtual naquele tempo. Mas no Brasil dos anos 70 eu não tinha futuro", conta ele, que hoje divide sua vida entre São Paulo, Lisboa, Nova York,

Amsterdã, Zurique e Genebra. De um aeroporto para o outro, Emanuel nunca esquece sua peculiar bagagem de mão: um computador 486 e alguns periféricos que o ajudam a fazer simulações na tela — um total de 10 quilos.

Ele explica o método que utilizou para executar a música de *Trackers* para Cunningham: "É uma fórmula matemática dentro do computador que simula o sistema gravitacional em alta turbulência. Nela, não existe a intenção humana, mas toda a presença da natureza". Em outras palavras, segundo ele, basta imaginar que a gravidade da terra entra em turbulência e você fica vendo a Lua se aproximar e distanciar. Dimas de Melo se prepara agora para mais um trabalho em conjunto com Cunningham, igualmente baseado na realidade virtual. É uma peça que se baseia na obra de Lewis Carrol e é toda trabalhada com espelhos.



Cunningham (à dir.): se for encontrado um palco adequado, sua mais recente coreografia, 'Ocean', será apresentada em São Paulo em agosto

questral por Andrew Culver, com a idéia de que as duas músicas caminham como o movimento de uma onda — a de Culver de dentro para fora e a de Tudor de fora para dentro —, envolvendo o público. Além dessa estrutura bem complexa, a peça conta com 112 músicos, que curiosamente não são dirigidos por um maestro, e um corpo de quinze bailarinos.

Se essa é uma novidade que está dando dores de cabeça aos organizadores do Festival paulista, para Cunningham é uma idéia antiga. Ele a discutiu com John Cage — seu inseparável parceiro musical (desde o início e até sua morte, em 1992) — e tinha sido preparada para o James Joyce/John Cage Festival de Zurique, em 1991. Acabou sendo cancelada por simples proble-

mas de agenda.

Joseph Campbell sugeriu o título, lembrando que, depois de *Finnegans Wake*, o irlandês James Joyce quis escrever um livro sobre a água e o oceano. Pensando no correr dos rios para o oceano, John Cage pensou na peça como um símbolo do processo existencial humano que vai em direção ao vazio.

(C.R.D.)